

Econ. Brasil

14 DEZ 1992

POLÍTICA ECONÔMICA

GAZETA MERCANTIL

“Estamos convencendo o presidente que ele deve optar pela solução de mercado”

por Claudia Safatle
de Brasília

“Estamos convencendo o presidente de que ele tem que optar pelas soluções de mercado.” O comentário, feito a este jornal pelo ministro do Planejamento, Paulo Haddad, expõe, com uma franqueza singular a maneira como os ministros da área econômica estão trabalhando junto ao presidente em exercício, Itamar Franco, para consolidar uma proposta de política econômica que orientará a gestão do presidente depois de empossado.

A determinação da equipe econômica de manter as regras de mercado envolve todas as áreas do programa. Haddad garantiu que não consta dos planos da equipe adotar qualquer medida “abrupta” para alongar o perfil da dívida mobiliária interna. “Não pensamos em nada do tipo Bonex (a experiência adotada pelo governo argentino) ou qualquer mudança compulsória.” Consta das intenções da área econômi-



Paulo Haddad

ca, segundo ele, ter recursos, oriundos da reforma fiscal e da cobrança do Finsocial depositado em juízo, para resgatar algo como 10% da dívida mobiliária em poder do mercado. Só o Tesouro Nacional gira, a cada três ou quatro meses, um estoque de US\$ 15 bilhões no mercado.

Enquanto não houver esse espaço para redução dos juros, a expectativa da

área econômica é permanecer, até março ou abril, com juros reais ainda pesados.

As relações com o presidente em exercício, contudo, não estão tensas, como garantiram fontes oficiais. Há, sinais de que o pior já passou e os ministros Haddad e Gustavo Krause da Fazenda, não têm manifestado nos últimos dias desejo de deixar o governo. Se o presidente em exercício fará uma reforma ministerial, depois de empossado como presidente da República, envolvendo também a área econômica, “essa é uma decisão que está somente com ele”, assinalou Haddad.

Itamar queria redução dos juros e crescimento econômico. “Nós mostramos a ele que não há possibilidade de uma retomada global do crescimento, de imediato”, lembrou Haddad. “Isso porque o quadro de incertezas ainda é grande, a inflação alta, e não admite riscos, e há limitações do lado da infra-

estrutura.” O ministro citou que dos cerca de 5 pontos percentuais de queda da inflação de setembro para cá, apenas 1 ponto decorreu do atraso no reajuste das tarifas públicas. “O restante foi provocado por sazonalidades e expectativas” (ver matéria abaixo).

“O presidente pediu, então, uma seleção de setores e o uso deles para a retomada do crescimento, através de acordos setoriais.” O modelo será negociado com os três setores eleitos: indústria automobilística, agroindústria e construção civil, que têm forte efeito multiplicador na cadeia de produção.

“Tenho a impressão que vamos chegar a um consenso, também, sobre a impossibilidade de uma redução geral das taxas de juros antes de termos um ajuste fiscal e mais credibilidade”, acentuou Haddad.

A reunião ministerial está marcada para ocupar dois dias da agenda presidencial: os próximos dias 18 e 19.